

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Ensino a Distância

*Paixões &
Psicanálise*
dimensões modernas da natureza humana

Francisco Verardi Bocca

UFES
Vitória – 2017

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Educação

José Mendonça Bezerra Filho

**Diretoria de Educação a Distância
DED/CAPE/MEC**

Carlos Cezar Modernel Lenuzza

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO****Reitor**

Reinaldo Centoducatte

Secretária de Ensino a Distância – SEAD

Maria José Campos Rodrigues

Diretor Acadêmico – SEAD

Júlio Francelino Ferreira Filho

Coordenadora UAB da UFES

Maria José Campos Rodrigues

Coordenador Adjunto UAB da UFES

Júlio Francelino Ferreira Filho

**Diretor do Centro de Ciências
Humanas e Naturais (CCHN)**

Renato Rodrigues Neto

**Coordenadora do Curso de Especialização em
Filosofia e Psicanálise – EAD/UFES**

Claudia Murta

Revisor de Linguagem

Regina Egito

Design Gráfico

Laboratório de Design Instrucional – SEAD

SEAD

Av. Fernando Ferrari, nº 514
CEP 29075-910, Goiabeiras
Vitória – ES
(27) 4009-2208

Laboratório de Design Instrucional (LDI)**Gerência**

Coordenação:
Hugo Cristo
Leticia Pedruzzi Fonseca
Equipe:
Fabiana Firme
Luiza Avelar

Diagramação

Coordenação:
Heliana Pacheco
Leticia Pedruzzi Fonseca
Thaís André Imbroisi
Equipe:
Weberth Freitas
Thaís André Imbroisi

Ilustração

Equipe:
Leonardo Amaral
Weberth Freitas

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

B664p

Bocca, Francisco Verardi.

Paixões & psicanálise [recurso eletrônico] : dimensões modernas da natureza humana / Francisco Verardi Bocca. - Dados eletrônicos. - Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2017.

35 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-63765-98-7

Modo de acesso: <Disponível no ambiente virtual de aprendizagem – Plataforma Moodle>

1. Psicanálise. 2. Psicanálise e filosofia. 3. Sexo. 4. Metapsicologia. I. Título.

CDU: 159.964.2



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam ao autor o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.



Sumário

		Apresentação.....	04
Módulo 1	I	Na mecânica do desejo – Hobbes	07
	II	Imaginação como fundamento do desejo	11
Módulo 2	III	Na mecânica do prazer – Condillac	14
	IV	Matéria e sensibilidade	19
Módulo 3	V	No princípio do prazer: Freud	24
	VI	Qualidades psíquicas	29
		Conclusões	32
		Bibliografia	34
		Sobre o autor	35

Apresentação

O estudo que será aqui apresentado foi motivado pelo reconhecimento da perseverança com que Sigmund Freud (1856 – 1939) relacionou o funcionamento psíquico ao “mecanismo do prazer”, atribuindo-lhe como propósito a inclinação para a fuga da dor; em outras palavras, para atingir a meta de evitar o desprazer. Sobre isso, antecipemos que já na obra *Projeto de uma Psicologia*, de 1895, Freud desenvolveu especulações teóricas apoiado no que se pode chamar de uma mecânica de estímulos, produzindo uma concepção do psiquismo segundo o modelo das chamadas ciências naturais. Por conta disso, foi no interior dessa mesma perspectiva que sustentou a noção de que o sistema nervoso, enquanto suporte material do psiquismo, apresenta uma arquitetura que dispõe e executa funções que promovem o afastamento e, em situações ideais, o escoamento total, por ação motora, dos estímulos recebidos.

Focando esse tema, apresentaremos nos módulos seguintes os resultados de uma investigação relativa à tradição filosófica que, segundo entendemos, deu sustentação a tal concepção, isto é, criou suas condições de possibilidade. Tal investigação foi realizada colocando-se em perspectiva histórica a própria noção de “vida passional” na modernidade, isto é, investigando-se as diferentes nuances da relação corpo e alma, bem como as diferentes articulações que paixões como amor, desejo e prazer sofreram na modernidade. Isto será feito visitando autores como T. Hobbes e E. Condillac, com a expectativa de que possamos em seguida reconhecer o estatuto particular que essa noção recebeu de Freud.

Assim, faremos um recuo cronológico a alguns conceitos desenvolvidos por Hobbes, pensador inglês do século XVII, responsável pela primeira revisão do estatuto da natureza humana segundo o primado do desejo, que secundarizava tanto o amor, quanto o prazer. Depois nos remeteremos ao século XVIII francês, no qual centramos a investigação por ter sido o momento em que a noção de natureza humana

em sua perspectiva passional ganhou uma nova configuração, a partir da qual teve seu primado fundado não mais na noção de desejo, mas na de prazer.

Por isso, reconhecemos que no interior desse recorte histórico foi precisamente Condillac o responsável por uma espécie de ponto de inflexão da perspectiva que refundou o homem em sua natureza a partir da noção de prazer/desprazer, particularmente na obra *Tratado das Sensações*, de 1754. Em função da importância de Condillac, suas teses serão expostas tomando como ponto de partida a concepção acerca da construção sensorial do pensamento e de suas faculdades (apontando adicionalmente o quanto o par prazer/desprazer esteve implicado como determinante e primeiro móvel das operações mentais). Percorrido esse itinerário, estaremos aptos para reconhecer a reversão que a modernidade operou relativamente à ordem hierárquica das paixões, criando as condições de possibilidade para o advento da psicanálise.

A partir daí o leitor poderá avaliar e reconhecer em que medida e até que ponto a filosofia de Condillac, assim como a de Hobbes e Locke, está presente no campo teórico das concepções de Freud. Com efeito, os autores aqui envolvidos constituem o suporte para a identificação das vicissitudes que a noção de prazer sofreu na modernidade, proporcionando a Freud a oportunidade de instrumentalizá-la e resignificá-la. Por fim, pensamos que estarão dadas as condições para que finalmente possamos promover o “diálogo” da filosofia moderna com a psicanálise freudiana, ou ainda, para que a psicanálise possa ser compreendida como uma possibilidade dos desdobramentos da teoria das paixões na modernidade.



Módulo 1

I Na mecânica do desejo – Hobbes

ATÉ O INÍCIO DA MODERNIDADE, no campo das paixões, o amor encabeçava o que chamaremos de campo ético da civilização, por conta do que estiveram secundarizadas paixões como desejo e prazer, estas últimas consideradas como derivadas da primeira. Com isso, nessa estrutura não se podia admitir a fruição de um prazer que não tivesse sido produto de uma satisfação relacionada a um desejo por um objeto, desejo este relacionado a um sentimento originário de amor por esse mesmo objeto. Nada mais foi feito na modernidade do que deslocar até sua inversão completa esse quadro, essa ordem hierárquica das paixões. Esse movimento teve início no século XVII com Hobbes, por conta de quem o desejo assumiu o podium das paixões, para no século XVIII, especialmente com Condillac, dar lugar em definitivo ao prazer.

A participação de Hobbes nesta revisão decorre de sua iniciativa, como declara na introdução da obra *Do Cidadão*, de 1642, de compreender as sociedades políticas, o que realizou por meio de um

método de decomposição em partes do objeto tematizado até atingir os elementos que o constituem. Nessa obra, Hobbes indicou seu procedimento comparando-o ao de um relojoeiro que, para conhecer um relógio, procede à sua desmontagem. Por esse recurso, a sociedade civil foi identificada com uma engrenagem que, quando desmontada, encontra e reconhece nos homens suas peças ou unidades mínimas. Ao aplicar mais uma vez o método sobre essas peças, Hobbes se viu confrontado com a tarefa de investigar a própria natureza humana. Dessa forma, seu estudo constituiu a pré-condição para a compreensão da sociedade civil.

Essa perspectiva metodológica foi, entre tantos outros lugares, também apontada já no primeiro capítulo da obra *Os Elementos da Lei Natural e Política*, de 1650, doravante *Elementos*, onde Hobbes declarou que “*depende do conhecimento do que é a natureza humana (...) a explicação dos elementos das leis naturais*” (p. 19). Uma investigação desse porte demandou uma articulação da política com uma teoria

do conhecimento para lhe conferir uma sustentação genética, por conta do que empreendeu a construção de uma teoria explicativa das faculdades naturais do homem, bem como das idéias e do conhecimento.



Para compreendermos a importância da filosofia de Hobbes para a revisão da hierarquia das paixões, julgamos necessário seguir sua ordem argumentativa. Assim, a cronologia das obras nem sempre será respeitada.



Começamos considerando a perspectiva a que está filiada sua filosofia, que, entre outras coisas, buscou a descrição de uma gênese sensorial das idéias e do conhecimento, evidentemente recusando o inatismo cartesiano. Nesse propósito, Hobbes concebeu a noção de uma natureza humana provida de faculdades e potências naturais, distinguindo-as entre as do corpo e as da mente. Disse ele nos *Elementos*:

“ A natureza humana é a soma das suas faculdades e potências naturais, tais como as faculdades da nutrição, movimento, geração, sensação, razão, etc. Unanimemente, chamamos estas potências de naturais, e elas estão contidas na definição do homem sob estas palavras: animal e racional. (p. 20) ”

Nessa perspectiva geral, foi possível dividir as faculdades em dois tipos, as do corpo e as da mente. As do corpo foram resumidas a três

categorias: potência nutriz, motriz e geratriz. Quanto às da mente, ele reconheceu apenas dois tipos: a cognitiva (também chamada imaginativa ou conceitual) e a motriz. É importante destacar que a potência motriz foi atribuída tanto como faculdade do corpo, quanto da mente.

Para avançar nessa questão, dediquemos atenção ao capítulo VII do *Leviathan*, no qual Hobbes abordou a natureza humana e a natureza em geral sob a perspectiva do movimento. Nessa obra, afirmou que “há nos animais dois tipos de movimentos que lhes são peculiares. Um deles chama-se “movimento vital”, começa com a geração e continua sem interrupção durante toda a vida. Desse tipo são a circulação do sangue, o pulso, a respiração, a digestão, a nutrição, a excreção, etc.” (p. 32). Portanto, uma definição próxima da que já havia apresentado um ano antes nos *Elementos*. Contudo, da forma como foi definido, e por se tratar de uma potência do corpo, o movimento vital exige apenas força, ao mesmo tempo em que dispensa a contribuição de qualquer outra potência da mente.

Nessa mesma obra, Hobbes continua esclarecendo que o segundo tipo “é dos movimentos animais, também chamados movimentos voluntários, como andar, falar, mover qualquer dos membros, da maneira como anteriormente foi imaginada pela mente” (p. 32). Dessa forma, começa a explicitar o sentido em que a imaginação pode ser considerada a primeira origem interna dos movimentos voluntários, articulando, assim, a potência do movimento à potência cognitiva ou imaginativa. Por conta disso, a compreensão dessa articulação demanda um esclarecimento relativo ao estatuto da potência imaginativa, o que Hobbes providenciou ao relacioná-la geneticamente à sensação,

reconhecendo que a imaginação nada mais seria do que um resíduo da sensação.



Com o recuo à noção de sensação, Hobbes atinge o que podemos chamar de unidade mínima da engrenagem (ou máquina humana) que vem descrevendo, com implicações diretas na preparação do terreno necessário para a formulação da noção de desejo e, em consequência, para a teoria das paixões, na modernidade.



Já nos *Elementos*, fiel a seu método, Hobbes dedicou o segundo capítulo à investigação da causa da sensação, procedimento que reapresentou no primeiro capítulo da primeira parte do *Leviathan*. Assumindo a perspectiva de que sensação e movimento constituem uma unidade ou um par completamente identificado, ele afirmou, em 1650, que todas as sensações têm uma causa ou procedem da ação que objetos exteriores provocam nos órgãos dos sentidos dos seres humanos, razão pela qual tais órgãos seriam os disparadores das sensações e, em seus desdobramentos, de nossas futuras concepções. Assim, Hobbes define a sensação como algo dado “quando a ação é presente” (1650, p. 21). Que fique desde já estabelecido que a sensação é, para ele, a origem de todos os nossos pensamentos.

Com isso, preparado o terreno, em 1651 Hobbes pode afirmar com todas as letras que:



A causa da sensação é o corpo exterior, ou seja, que pressiona o órgão próprio de cada sentido [...] a qual pressão, pela mediação dos nervos, e outras cordas e membranas do corpo, prolonga para dentro em direção ao cérebro e coração, causa ali uma resistência, ou contrapressão, ou esforço do coração, para se transmitir; cujo esforço, porque para fora, parece ser de algum modo exterior. É a essa aparência, ou ilusão, que os homens chamam sensação. (p. 9)



Com esse argumento, já nos coloca a meio caminho da definição de imaginação como movimento interno do corpo que, pelo menos na ordem cronológica, sucede à sensação, aqui particularmente entendida como uma sensação/movimento que é conservada/o ou que sobrevive ao término da experiência ou à desapareção do objeto-causa da sensação. Isso lhe permitiu finalmente apresentar a seguinte definição: “a imaginação nada mais é, portanto, senão uma sensação diminuída, e encontra-se nos homens, tal como em muitos outros seres vivos, quer estejam adormecidos, quer estejam despertos” (1651, p. 11). Embora a imaginação já seja um efeito qualitativo do movimento, ela foi distinguida por um critério, antes de tudo, quantitativo, segundo uma diferença de grau. Também foi justificada por um critério de intensidade: nos *Elementos*, Hobbes já havia definido a imaginação ou a fantasia como nada mais sendo do que uma concepção obscura, isto é, como “uma concepção remanescente e pouco a pouco esmaecida do e após o ato da sensação” (p. 28).

Assim, se a sensação foi definida acima a partir da ação presente ou do estímulo provocado atualmente por um objeto exterior, a

imaginação, prescindindo de sua presença, foi atrelada, em primeiro lugar, à desapareição do objeto-causa, e em segundo, à sobrevivência da sensação, uma vez que, diz ele, “quando os olhos estão fechados, conservamos ainda a imagem da coisa vista; embora mais obscura do que quando a vemos” (p.11). Posta essa definição, o esquema descrito aponta para uma potência de memória, pois se trata de uma imagem, por exemplo, criada pela visão com recurso a traços remanescentes da sensação, vale dizer, rememorados.

Em 1650, Hobbes já apontava a situação em que a concepção de um mesmo objeto é recriada. Isso, diz ele, “é o mesmo que imaginar uma coisa passada; o que é impossível para a sensação, que o é unicamente de coisas presentes” (p. 30). Uma operação desse tipo, que reconheceu como um sexto sentido interno, “é comumente chamada de recordação” (p.30). No conjunto, uma formulação que reúne e articula as potências da mente em uma única definição foi dada em 1651 da forma como se segue:



Esta sensação diminuída, quando queremos exprimir a própria coisa (isto é, a própria ilusão), denomina-se imaginação, como já disse anteriormente; mas, quando queremos exprimir a diminuição e significar que a sensação é evanescente, antiga e passada, denomina-se memória. Assim, a imaginação e a memória são uma e a mesma coisa, que, por razões várias, tem nomes diferentes. (p. 12)



É por isso que a imaginação, como faculdade da mente -- e agora podemos retomar uma definição acima protelada -- pode ser pensada como “a primeira origem interna de todos os movimentos voluntários” (1651, p. 32), como falar e andar, que exigem sempre um pensamento anterior, uma experiência anterior sobrevivente (uma sensação como matéria-prima), memorizada, que permite projetar o movimento, antecipá-lo em imagem.

Atividade proposta

Produzir um texto, organizando esquematicamente a articulação conceitual presente no pensamento de Hobbes entre: a concepção mecânica da natureza humana, a construção sensorial das idéias, o destaque dado às sensações como seu fundamento e, por fim, a noção de movimento que subjaz à de natureza.

II Imaginação como fundamento do desejo

ENTENDENDO A IMAGINAÇÃO TAMBÉM como um movimento interno, faz-se necessário aprofundar a investigação do estatuto desse movimento, que é, como foi dito, fundamento da ação humana. Para isso o abordaremos a partir de seu início exterior, já que Hobbes, enquanto filósofo inscrito numa perspectiva mecanicista, concebe o mundo natural como composto de matéria em movimento, ou ainda, de matéria e força. Dessa forma, provocado por estímulos, ocorre no homem um movimento de resistência, uma contrapressão ou esforço do coração, entendido como resposta à estimulação exterior. É a esses movimentos que se reconhecem no interior do corpo humano, que constituem, como diz Hobbes, *“pequenos inícios de movimento (...) antes de se manifestarem no andar, na fala, na luta e outras ações visíveis, [que designamos] geralmente esforço”* (p. 32).

Tal movimento reativo, continua Hobbes, *“quando vai em direção de algo que o causa, chama-se apetite ou desejo (...) quando vai no sentido de evitar alguma coisa chama-se geralmente aversão”* (1651, p.32). Dessa forma, sob a perspectiva do movimento, ele articula as noções de sensação e de imaginação à de esforço, que pode ocorrer também como resultado da ativação de uma imagem sobrevivente ou recordada de uma sensação qualificada como positiva ou negativa, ou ainda como desejo ou aversão, respectivamente. Isso pode ser mais bem compreendido quando Hobbes declara que *“todo o conjunto de*

desejos, aversões, esperanças e medos, que se vão desenvolvendo até que a ação seja praticada, ou considerada impossível, leva o nome de deliberação” (1651, p. 39). E continua o filósofo, afirmando que, na deliberação, *“o último apetite ou aversão imediatamente anterior à ação ou à omissão desta é o que se chama vontade”* (1651, p. 37).



Certamente você já deve ter percebido que não é possível, sob a chancela do movimento, articular sensação, imaginação, desejo e aversão, sem a colaboração de um fator qualitativo da sensação - qualidades como cor ou sabor, por exemplo, ou, em especial, prazer ou desprazer. Pela sua importância, esse par prazer/desprazer recebeu atenção especial de Hobbes em suas duas obras já referidas. Vamos ver o que diz o autor a esse respeito?



Nos *Elementos*, lembrando que tudo o que ocorre no espírito se dá como movimento, Hobbes lembra que a estimulação externa, ao atingir o coração, *“deve necessariamente auxiliar ou obstar o chamado movimento vital”* (p. 47). Também chama a atenção para a articulação do par prazer/desprazer com o movimento vital (o primeiro dos movimentos peculiares dos animais ao lado do movimento voluntário,

que, como já mencionado, não necessita da imaginação para ser acionado) por ser justamente o que permite a qualificação da sensação. Essa qualificação ocorre quando o estímulo exterior é sentido como provocador de um tipo de benefício que oferece à vitalidade do corpo, isto é, à sobrevivência do organismo, isso quando proveniente de um objeto útil para essa finalidade.



Atente que é justamente nesse aspecto que o desejo, enquanto movimento, será mais adiante definido como a busca de objetos úteis e a aversão, como recusa dos hostis, como ação que prefigura a apropriação de tudo o que é necessário para a conservação da vida; por conta disso o *conatus* será definido como desejo primordial de vida, de autoconservação.



Por outro lado, a aversão desempenhará papel complementar, já que o desprazer que a acompanha decorre da ameaça à conservação da vida. Dessa forma, notemos a circunstância em que o desejo e o amor se avizinham mediados pelo prazer, apenas distinguindo-se pela ausência do objeto, no primeiro (desejo) e pela presença, no segundo (amor). O mesmo valendo para a aversão e o ódio, mediados pelo desprazer.

O que isso quer dizer, em resumo, é que todo estímulo acolhido como benéfico ao movimento vital produz nos órgãos dos sentidos uma sensação que pode ser chamada de deleite, contentamento, ou ainda, prazer. Evidentemente, todo estímulo externo que provoca o enfraquecimento do movimento vital, provoca sensação de

desprazer ou dor. É curioso observar que, já nessa perspectiva, Hobbes desloca o amor para a condição de uma paixão positiva derivada de um desejo bem sucedido por um objeto causador de deleite.



Façamos uma pausa. A esta altura, julgamos conveniente refletir sobre o estabelecimento da ordem hierárquica das paixões sustentada por Hobbes, a saber: desejo, prazer, amor.

Arriscamos a dizer que sua conformação se dá, entre outras, da perspectiva mecanicista que subjaz em seu sistema filosófico, no qual qualquer qualificação das sensações só pode ser pensada como decorrência da própria atividade sensorial do sujeito, não podendo ser atribuída ou pensada como inerente ao objeto-causa da sensação. Isso impossibilita, portanto, ao par prazer/desprazer ocupar a condição de dado primário dos movimentos ou potências mentais. Na perspectiva mecanicista da natureza, antes de qualquer qualificação da sensação, tudo se passa como puro jogo de forças do qual participa o homem. A qualificação é, portanto, uma atividade humana desejante, decorrente de sua relação com o mundo exterior.



Essa perspectiva permitiu, assim, apontar para o desejo enquanto movimento, como dado primário de acionamento da vida passional e da máquina mental, o que só foi possível porque seu mecanicismo impôs-lhe a noção, podemos dizer agora, de que um movimento reativo em face de um estímulo — seja em direção a (apetite) ou em afastamento de (aversão) — não pode ser evitado ou descurado no campo

de forças que é a natureza. Assim, não é admissível uma inatividade ou indiferença, uma ausência de apetite ou aversão, por conta do que se pode dizer que o destino do homem perde qualquer possibilidade de dissociação em relação à natureza física. Diante disso, como dissemos, prazer e desprazer (assim como o amor e o ódio) surgem efetivamente como resultado desse esforço reativo, quando bem ou mal sucedido, respectivamente.

Estas são, em síntese, as idéias defendidas por Hobbes. Considere agora o seguinte:

- É verdade que esse aspecto foi diversamente compreendido por Condillac, que enfrentou o desafio de postular a anterioridade do par prazer/desprazer, reconhecendo-o como dado primário e não como consequência do desejo/aversão.
- Isso se deu em função de sua filosofia materialista, constituída no século XVIII, quando o fundamental da natureza já não era o movimento, mas a sensibilidade da matéria.

- Assim como fizemos com as idéias de Hobbes, no próximo módulo visitaremos algumas teses de E. Condillac, responsável pela reorganização definitiva da hierarquia das paixões, com a qual finalmente reconhece no prazer o motor primário da máquina humana. Trata-se, portanto, de um momento na história da filosofia fundamental para pavimentar em definitivo o campo conceitual que deu sustentação ao pensamento de Freud.

Atividade proposta

Produzir um texto destacando e avaliando o fundamento mecânico e passional que Hobbes atribui à natureza humana.

Módulo 2

III

Na mecânica do prazer – Condillac

A ABORDAGEM DO PENSAMENTO DE CONDILLAC exige de início, pela pertinência temática e recorrentes referências que este faz a J. Locke, a retomada de alguns conceitos desse filósofo. Tais conceitos podem ser localizados na obra *Ensaio acerca do entendimento humano*, de 1690, em especial no segundo livro, capítulos VII e X, onde Locke, comungando com Hobbes, sustenta a origem sensorial do conhecimento, além de definir como simples as idéias de prazer e dor, reconhecendo-as como estando “*misturadas com quase todas as idéias*” (1978, p. 173), e que por isso seriam as “*causas de nossas ações*” (p. 173), particularmente as que visam promover a fuga da dor.

Para sustentar essa tese, Locke assevera que “*o infinito e sábio Autor de nosso ser [...] visando, ademais, a motivar-nos às ações do pensamento e aos movimentos de que somos capazes, agradou-lhe juntar aos vários pensamentos e sensações a percepção de deleite*” (1978, p. 173). Segue afirmando que “*designou-se, nosso sábio Criador, anexar aos vários objetos, e às idéias que recebemos deles, como ainda a muitos de nossos*

pensamentos, um prazer concomitante” (1978, p. 173). Esse amálgama entre sensação e afeto ou paixão já nos oferece o reconhecimento do “*motivo para preferir um pensamento ou ação a outra, para passar da indiferença à atenção*” (1978, p. 173), diz Locke.

Dessa forma, o par prazer/desprazer foi considerado por Locke o crivo funcional dos pensamentos e ações, com o diferencial de que o despreazer/dor/inquietação ocupa um lugar predominante em relação ao prazer/deleite. Contudo, a importância é sempre atribuída ao par, já que o fato de este ser considerado concomitante às demais idéias imprime nelas marcas diferenciadas que possibilitam, pela memória e pela imaginação, evitar experiências e objetos causadores de despreazer, proporcionando de maneira derivada e adicional a conservação do organismo.

É certo que em Locke não foi ainda a experiência sensível a responsável pela gênese dessas faculdades, posto que, como veremos, diferentemente de Condillac, as faculdades mentais, como imaginação,

juízo etc., são por ele consideradas inatas. Para sustentar isso, basta lembrar outra declaração, de que a mente é capaz de conhecer, mas que, relativamente a essa operação, “a capacidade é inata, mas o conhecimento adquirido” (1978, p. 146). Mais adiante, Locke corrobora essa tese ao afirmar que o homem desde sempre é “*provido das faculdades do entendimento e da vontade*” (1978, p. 173).



Apesar de alguns pontos de convergência entre o pensamento dos dois filósofos, é importante destacar uma diferença fundamental:

- No *Tratado das sensações*, aplicando seu método de investigação até certo ponto coincidente com o de Locke (mas que atingiu resultados divergentes), Condillac mostra que não há nenhum conteúdo ou faculdade do espírito que não seja constituído a partir de uma sensação, isto é, que não tenha sua origem nela.

Tal princípio é afirmado com todas as letras já no parágrafo de abertura da obra. Condillac assim se posiciona:

- O principal objetivo desta obra é mostrar como todos os nossos conhecimentos e todas as nossas faculdades vêm dos sentidos, ou, para falar mais exatamente, das sensações: porque, na verdade, os sentidos não são senão causa ocasional. Eles não sentem, só a alma sente, ocasionada pelos órgãos; e é das sensações que a modificam que ela tira todos os seus conhecimentos e todas as suas faculdades. (1993, p. 31)

Sua adesão parcial e crítica a Locke fica explícita nesta afirmação:

- Esse inglês, sem dúvida, lançou muita luz sobre o assunto, mas ainda deixou obscuridades. Veremos que não atentou à maioria dos juízos que se mesclam a todas as nossas sensações; que não reconheceu quão necessário nos é aprender a tocar, a ver, a ouvir etc.; todas as faculdades da alma lhe pareceram qualidades inatas e não suspeitou que elas poderiam ter sua origem na própria sensação. (1993, p. 32-3)



Em síntese, partindo das teses de Locke, mas ultrapassando-as, Condillac sustenta que não apenas os conteúdos do pensamento, mas igualmente suas faculdades e suas formas operatórias, derivam das transformações das sensações elementares percebidas inicialmente de maneira passiva. No entanto, a reflexão, por exemplo, seria uma forma ativa de operação. Essa ideia vai ser desenvolvida já no início da primeira parte de sua obra. Nela Condillac apresenta o seguinte argumento:

“ Locke distingue duas fontes de nossas idéias, os sentidos e a reflexão. Seria mais exato reconhecer apenas uma, seja porque a reflexão, em seu princípio, não é senão a própria sensação, seja porque é menos a fonte das idéias do que o canal por onde elas correm a partir dos sentidos. (1993, p. 35) ”

Na realidade, o passo adiante dado por Condillac, que radicalizou a perspectiva da gênese sensorial do pensamento e do conhecimento, foi o de tentar descrever nada menos do que a própria geração

das faculdades do espírito, a partir de uma teoria do conhecimento construída na perspectiva de uma investigação de natureza psicológica. Assim, continua em sua crítica a Locke:

“ ...ele não sentiu a necessidade de descobrir seu princípio e geração, não suspeitou que eles poderiam ser simples hábitos adquiridos; parece tê-los considerado como algo inato, e diz apenas que se aperfeiçoam com a prática. (1993, p. 35-6) ”

Com isso, Condillac distinguiu-se pela tentativa exaustiva de explicar a geração das faculdades e operações mentais a partir de um dado elementar, que é a sensação. Pela sua condição de unidade e fundamento, essa sensação recebe a incumbência de gerar a maquinaria mental e a fazê-la funcionar num percurso que vai numa solução de continuidade de dado elementar da impressão sensível às mais complexas operações do espírito. Condillac associou assim, sequencialmente, a sensação às idéias e às faculdades; as últimas, como transformações da primeira. Por esse meio, da sensação deduziu o entendimento.



A compreensão desse mecanismo suscita um esclarecimento adicional relativo ao próprio campo da filosofia materialista que sustentou o pensamento de Condillac. Sobre isso, na obra *Natureza e ilustração*, Souza (2002) esclarece que “a produção de todas as formas de seres, desde os minerais até o homem, incluindo a mente, pode ser explicada pela atividade própria da matéria, que Diderot denomina

sensibilidade universal” (p. 47), a qual é pensada como uma espécie de força imanente da matéria.

Isso se justifica na medida em que é preciso, para combater o dualismo matéria/espírito, atribuir à matéria, mesmo à elementar, todas as propriedades dos corpos em geral. Ou seja, reconhecer que o sentido lhe seja inerente como a extensão e a divisibilidade, o que se torna plausível quando se admite o princípio de continuidade entre os seres ou reinos da natureza, complementado com a tese da homogeneidade da matéria. Isto remete diretamente a uma concepção particular de natureza humana, uma vez que a distinção do homem em relação aos demais animais fica sendo a sua própria estrutura orgânica, resultante de arranjos fortuitos. Dessa forma, o homem é pensado como o resultado de forças que atuam em seu organismo, que vai da sensibilidade à reflexão dela derivada.

Como visto, fica evidente que um dos temas mais áspers do materialismo é o relativo à explicação do fenômeno da sensibilidade. A esse respeito, explica Souza (2002) que “a sensibilidade nasce, pois, de um certo arranjo ou disposição das partículas, e a sensação é o resultado do encontro dos elementos materiais que vêm do mundo exterior com os elementos materiais que formam os órgãos dos sentidos” (p. 49).



É verdade que, na montagem desse esquema de sensações, Condillac relacionou diretamente a percepção à consciência, chegando mesmo a confundi-las. Para ele, a distinção é apenas uma questão de

enfoque, pois o dado sensível é percebido enquanto afecção; já enquanto reconhecido pelo espírito, é consciência. Dessa forma, a faculdade da atenção foi instituída na medida em que, diante de uma ou várias percepções, o espírito se ocupa ou se detém em uma delas, ou ainda em cada uma individualmente, sendo que o seu reconhecimento, nos casos em que se repete, é por ele descrito como ação de memória. Por conta disso, sempre que a atenção na sensação subsiste ao término da experiência, tem-se a faculdade da imaginação, o que a faz de certa forma indistinta da faculdade da memória, a não ser pela intensidade. Assim, lembrar é, para Condillac, o mesmo que imaginar com variações de intensidade.

Em síntese, a atenção fica assim relacionada à ocorrência de uma sensação, que, conservando sua vivacidade ou superando a de outras, diz ele, “*se transforma em atenção, sem que seja necessário supor nada mais na alma*” (1993, p. 36). Isso porque, em meio a múltiplas e variadas sensações, em algum momento detemos, continua ele, “*a vista sobre um objeto, as sensações particulares que dele recebo são a própria atenção que lhe concedo. Assim, uma sensação é atenção, seja porque é única, seja por ser mais viva do que todas as outras*” (1993, p. 37).

Posto isso, a faculdade da memória, por decorrência, passa a ser teoricamente concebida e praticamente constituída a partir das operações possibilitadas pela faculdade da atenção, uma vez que, diante da multiplicidade de sensações, algumas correspondem a estados atuais e outras a pretéritos; as últimas foram por ele identificadas como decorrentes da recém constituída faculdade da memória. A partir de então, dispomos de dois modos de apresentação da sensação: o oferecido pelos sentidos (atual) e o registrado pela memória (passado) que podem ser disponibilizados a qualquer momento pela ação

conjugada da imaginação. Sem distinguir-se da memória, a imaginação pode oferecer e agregar intensidade à sensação registrada.

Esse esquema recebeu de Condillac a postulação da existência de duas espécies de idéias, as sensíveis e as intelectuais. As primeiras, diz ele, “*nos representam os objetos que agem atualmente sobre nossos sentidos*” (1993, p. 48), enquanto as últimas “*nos representam aqueles que desapareceram depois de terem exercido sua impressão: essas idéias não diferem entre si senão como a lembrança difere da sensação*” (1993, p. 48).



O resultado final do detour das sensações ficou sendo a instituição do entendimento enquanto consideração e articulação de várias sensações que receberam atenção e registro.



Do dado original percebido (idéias sensíveis) ao conhecimento refletido (idéias intelectuais) transcorreu o percurso¹ de

¹ Nesse ponto um aspecto da teoria de Freud merece antecipação: por questões teóricas muito próximas das de Condillac, ele postulou no Projeto a necessidade de distinguir entre neurônios receptivos/permeáveis e neurônios recordativos/impermeáveis, justamente para que se possa ter sempre novas experiências sensoriais que recebessem armazenamento em outro lugar a fim de sobreviverem ao término da experiência sensível. É verdade que, nesse caso, partindo de um substrato anatômico, em vez de sensações transformadas, Freud faz referência a estímulos que vão produzindo transformações no interior do sistema nervoso, diferenciando e dando constituição às suas funções, segundo as vicissitudes dos estímulos. Como ele mesmo descreve, as barreiras de contato entre neurônios atuam definindo regiões em função das diferentes intensidades que o estímulo conserva, na medida em que se propaga para o interior do sistema nervoso, configurando circuitos ou traços específicos na sua estrutura. De fato, os estímulos, externos ou internos, provocam modificações que vão se propagando no interior do tecido nervoso gerando funções; trata-se, portanto, de um movimento que produz alterações que desenham funções no sistema nervoso. Assim, pode-se pensar que a sequência que vai de phi a ômega passando por psi seria, por analogia com Condillac, consequência das transformações/ operações provocadas pelos estímulos em seu percurso rumo ao escoamento.

constituição do entendimento propriamente dito. Mas essa explicação requereu de Condillac um recurso metodológico que possibilitou sua justificação. É o que veremos na próxima unidade.

Atividade proposta

Produzir um texto destacando e acentuando a crítica ao inatismo das idéias e a crítica ao dualismo substancial que a concepção empirista/sensualista empreendeu em seu percurso de constituição, de Hobbes, Locke e Condillac.

IV Matéria e sensibilidade

PARA DAR CONTA DE SEU PROJETO, Condillac recorreu a um expediente no mínimo curioso: postulou um ser revestido com uma camada de mármore, uma estátua desprovida de toda e qualquer experiência sensível e, portanto, de faculdades e conhecimentos, e que, por isso, só pode adquiri-las sensorialmente. Esse recurso permitiu-lhe descrever ilustrativamente uma ordem lógica das experiências sensoriais e de suas consequências, já que a estátua inaugura cada um de seus diferentes canais sensíveis, um a um, a partir do olfato, o mais pobre de todos, onde, segundo Monzani “*se depositarão as sensações e, a partir daí, [permitiria a Condillac] ir metodicamente examinando como se desdobram nossos conhecimentos e nossas operações*” (1995, p.179). Na experiência, o filósofo estaria sempre supondo que a estátua, em total estado de isolamento, disporia originalmente apenas de uma estrutura sensível e receptiva, isto é, ela seria antes de tudo uma disposição de partículas materiais dotada da capacidade universal da sensibilidade.

Assim, a partir do olfato, a primeira experiência sensível foi pensada como uma afecção-odor e nada mais, o que resume sua capacidade inicial de sentir. É importante destacar que o ponto de partida da experiência sensível centrado no olfato tem para Condillac o propósito de sustentar a equivalência e independência entre os diferentes sentidos na geração das faculdades. Dessa forma, a inevitável

indiferença inicial que acompanha essa sensação em relação ao objeto-causa do odor é compensada pela recorrência com que a estátua é submetida a tal impressão.

Condillac destaca a importância desse resultado, já que, pela repetição da experiência, torna-se possível a atenção, a comparação, retenção e assim recordação das modificações/afecções sofridas. Sem esse percurso, a estátua “pensaria” estar sempre pela primeira vez sofrendo tal afecção. Sem ele, suas experiências passadas de nada serviriam, não restaria nenhum resíduo delas, findada cada experiência sofrida. Com efeito, argumenta Condillac:

“ Se o homem não tivesse qualquer interesse em se ocupar de suas sensações, as impressões que lhe fizessem os objetos passariam como sombras e não deixariam nenhum traço. Depois de muitos anos, ele seria como no primeiro instante, sem ter adquirido qualquer conhecimento e sem outra faculdade além do sentimento. (1993, p. 33) ”

Dessa forma, vai ser justamente pelo exercício comparativo entre sensações percebidas, pela atenção dirigida a cada uma delas, por seus registros e pela possibilidade de invocá-las pela imaginação,

que derivará a noção de que uma delas é ou pode ser mais conveniente do que outra.



Dessa forma, vai ser justamente pelo exercício comparativo entre sensações percebidas, pela atenção dirigida a cada uma delas, por seus registros e pela possibilidade de invocá-las pela imaginação, que derivará a noção de que uma delas é ou pode ser mais conveniente do que outra.



Assim, considerando que se trata de uma construção sensorial das faculdades do espírito e de suas idéias, pode-se reconhecer agora que as sensações são sempre, desde Locke, concebidas como acompanhadas de estados de prazer e desprazer, contentamento e descontentamento, os quais as orientam. É da conveniência que se extrai a possibilidade de encadeamento de idéias e ações. É ainda ela que oferece balizamentos para a memória/imaginação, em razão de essas duas faculdades organizarem e mesmo produzirem cadeias e agrupamentos de idéias segundo seu crivo, visando atender interesses.

É assim, por esse recurso mental, que cada homem instaura um procedimento de fuga do desprazer, bem como de busca do prazer, como objetivos do espírito. É também por esse meio que atingimos resultados positivos ao longo da vida. Desnecessário dizer que a partir daqui o plano quantitativo da argumentação de Condillac enseja e convoca o plano qualitativo, na medida em que introduz um critério de diferenciação, vale dizer, de qualificação das sensações.

Tal acréscimo, necessário no plano geral de sua argumentação, foi efetuado na medida em que Condillac atribuiu à própria natureza das sensações algo que não permite à estátua manter-se em estado de letargia ou indiferença em relação a elas. A esse respeito, acrescenta o filósofo:

“ Por serem necessariamente agradáveis ou desagradáveis², ela tem interesse em procurar umas e se furtar às outras; e quanto mais vivacidade tiver o contraste entre os prazeres e as dores, mais atividade ocasionará na alma. (1993, p. 33) ”

Isso equivale a admitir que a estimulação primária sofrida pela estátua provoca a produção de sensações que trazem já em si um sofrimento ou um deleite³. Sobre isso, ainda no Tratado das sensações,

2) Ao asseverar que não há sensação indiferente ou que “cada uma é agradável ou desagradável em si” (1993, p. 38), Condillac reconhece que o prazer ou o desprazer são qualidades próprias da sensação e que estariam por isso na base da produção das faculdades da atenção, da memória, do juízo e da vontade, além de atuarem como princípios de suas operações. Dessa forma realiza o recuo em relação a Hobbes e Locke, que postulavam o desejo, e não o prazer e o desprazer resultante de seu atendimento, como móbil. De fato, no projeto filosófico de Condillac, a faculdade da vontade e, portanto, o desejo, não foi admitido como dado fundamental da natureza humana, como anterior ao par prazer/desprazer; antes, como derivado dele, como constituído a partir de uma sensação qualificada como prazerosa ou desprazerosa (alternativamente, como dois estados positivos). Nesse sentido, Condillac instaurou uma nova ordem hierárquica no interior da teoria das paixões, a saber: prazer, desejo, amor.

3) Nesse ponto antecipemos, para retomar adiante, a noção de que mesmo o prazer pode corresponder a um tipo de excitação que, quando quantitativamente elevado em potência, provoca dor, na medida em que sobrecarrega o órgão do sentido. Isso porque, para Condillac, tanto o prazer como a dor apresentam diferentes graus. Assim, diz ele, diminuindo, o prazer extingue-se; aumentando, “pode levar até a dor, porque a impressão se torna forte demais para o órgão” (1993, p. 70). Isso equivale a considerar que a dor, aumentando “tende à destruição total do animal” (1993, p. 70), passando assim a ser o critério impulsionador de um interesse de conservação do organismo. Por conta disso, decorre que, no momento de seu término, quando cessa, produz um sentimento agradável. Nesse sentido, há em Condillac um ponto de identidade com Freud, pois aqui também encontramos, em acréscimo a uma definição positiva, uma negativa de prazer, inclusive obtido pelo escoamento do estímulo.

Condillac reconhece no exercício da atenção a oportunidade em que a estátua “começa a gozar ou a sofrer; pois se a capacidade de sentir está inteiramente concentrada num odor agradável, é gozo; e se está inteiramente concentrada num odor desagradável, é sofrimento” (1993, p. 64). No entanto, ainda nessa etapa, para ela, o sofrimento ainda não pode vir acompanhado do desejo de não sofrer. Esse sofrimento só pode ser causa desse desejo na medida em que tenha se transformado num hábito que pode ser reconhecido, pois é ele que permite o reconhecimento de estados alternativos de prazer e sofrimento, de sua presença e ausência. Nessa ordem, Condillac assevera que apenas:

“ Quando ela tiver notado que pode deixar de ser o que é para voltar a ser o que foi, veremos seus desejos nascerem de um estado de dor, que ela irá comparar a um estado de prazer que a memória lhe lembrará. É por esse artifício que o prazer e a dor são o único princípio que, determinando todas as operações de sua alma, deve elevá-la gradualmente a todos os conhecimentos de que é capaz; e para distinguir os progressos que poderá fazer, basta observar os prazeres que ela terá a desejar, as dores que terá a temer, e a influência de ambos segundo as circunstâncias. (1993, p. 65) ”

Assim, é pela oposição entre as sensações agradáveis e as desagradáveis que essas paixões exercerão suas funções de primeiro móvel das faculdades. Há ainda uma distinção que merece ser acrescida relativamente ao estatuto delas, pois os prazeres e as dores são de duas espécies: os que pertencem particularmente ao corpo e por isso são da espécie sensível, e outros, alojados na memória, além de em todas as outras faculdades, que são da espécie intelectual. Contudo,

a despeito desse estado primário, estão longe de conterem em si, ou de trazerem consigo, o desejo por algum outro estado ou objeto; sua gênese só pode ocorrer secundariamente, por derivação. Sobre isso, diz Condillac:

“ A privação de um objeto que julgamos indispensável à nossa felicidade provoca-nos esse mal-estar, essa inquietude⁴ que denominamos necessidade, da qual nascem os desejos. Estas necessidades se repetem conforme as circunstâncias, muitas vezes até formam-se novas, e é isto o que desenvolve nossos conhecimentos e nossas faculdades. (1993, p. 34) ”

Com isso ele reconhece, de maneira original, que a inquietude não estaria relacionada desde o início com a ausência de um objeto desejado, mas é justamente o fator causa ou motivador da própria busca de objetos. O desejo nasce, por exemplo, após a estátua observar e relacionar um estado atual com outro passado, diferenciando-os, particularmente quando um proporciona desconforto e outro deleite.

Em outras palavras, diante de uma vivência alternada dos dois sentimentos, destacada pela atenção. Isso porque, como disse Condillac, “a natureza de suas sensações [do objeto estátua] não lhe permite permanecer mergulhado nessa letargia. Por serem necessariamente

4) Com esse argumento, Condillac define seu ponto de vista contrário ao de Locke. Para este, a inquietude é causada pela privação de um objeto adequado ao desejo, que, a exemplo do pensamento de Hobbes, é pensado como primário, como faculdade volitiva do espírito, por conta do que o prazer é pensado como um efeito do sucesso do desejo na busca de seu objeto. Por isso, para eles a ausência do objeto desejado é que gera a inquietude, isto é, quando um desejo não é atendido. Divergindo, Condillac postula a anterioridade da inquietude como causa ou princípio das faculdades do espírito, inclusive do desejo, o que, guardadas as devidas proporções, está mais próximo do que Freud formulará no *Projeto*.

agradáveis ou desagradáveis, ele tem interesse em procurar umas e se furtar às outras” (1993, p. 33).

Assim, os caminhos percorridos para fugir da inquietação⁵ e buscar satisfação, nessa ordem, constituem um circuito, uma inscrição, ou várias, o que permite à estátua a ativação recordativa/imaginária de um dos estados, bem como do objeto-causa do estado prazeroso: quando isso ocorre, está dada a condição para inscrição do desejo.



O par prazer/desprazer enquanto acionador da maquinaria do espírito é o que dá nascimento ao desejo e lhe fixa objetos e direções. Em acréscimo, é especialmente no campo da imaginação que o circuito do desejo tráfegará.



Posto isso, resta reiterar que, embora as experiências sejam primeiramente diferenciadas e secundariamente avaliadas pelo crivo do prazer/desprazer que as acompanha, primeiro é instalado na estátua o impulso de não permanecer no estado de desprazer em que

5) Com Condillac, como Locke, reconhece na inquietude a condição de princípio de nossas determinações. Contudo, para esclarecer isso, é preciso destacar a seguinte ordem conceitual: sendo a sensação o dado primário da experiência, deve-se reconhecer que, por natureza, não podem ser indiferentes, antes, recordemos Condillac, “cada uma é agradável ou desagradável em si” (1993, p. 38). Essa postulação é necessária para que a atenção sobre cada uma delas possa se efetivar sempre que delas estamos ocupados. Portanto, é da atenção (de onde se formam a memória e o juízo) que provocam que as comparamos e, por meio disso, tomamos ciência acerca do prazer e do desconforto a que estivemos submetidos. É dessa comparação que nasce a inquietação (que não é necessariamente uma dor) que é antes causa de um movimento, algo que o incita, solicita mudança (a possibilidade de quietude não é aqui cogitada). Ela é assim uma justificativa para mudar ou permanecer em certos estados.

eventualmente se encontra; por isso, este é pensado como ainda mais primário.

Nessa perspectiva, o desejo ficou entendido como o de permanecer ou recusar certos estados e objetos. Dirige-se a algo adequado para permitir a fuga do estado de desconforto e produzir o estado desejado, busca um objeto que, ao mesmo tempo, afasta o desconforto e proporciona o prazer. Isto, desde que o circuito do desejo esteja completo e disponível para ser reinvestido. O par está, assim, sempre na base como gerador desses circuitos, como promotor de vínculos entre diferentes experiências e diferentes objetos.

Estando o par prazer/desprazer na base da avaliação acerca daquilo que pode favorecer ou não nosso corpo, isto é, acerca da possibilidade de encontro do objeto útil para a conservação da vida, o que se evidencia é a própria alternância entre sucesso e fracasso. Isto já aponta para a impossibilidade de atingir plenamente a meta da satisfação, ainda entendida pelos autores aqui referidos como o alcance da felicidade.

Com isso, pode-se admitir que, pelo próprio estatuto que foi atribuído ao desejo, há pelo menos dois níveis de inquietude: um mais circunstancial, ligado à experiência do fracasso do desejo em relação a certo objeto; e outro mais primitivo, ligado à impossibilidade de evitar sempre o desprazer e alcançar o conforto ou atingir a meta da felicidade.



A essa altura, deve-se reconhecer que todo desejo comporta inquietude, tanto aquela que o sucede, como para Hobbes e Locke, quanto a que o antecede, como para Condillac.

Esse reconhecimento sugere uma verdade de difícil aceitação: a de que a felicidade não está, assim, na realização do desejo, mas, como veremos mais adiante, segundo endossou Freud, na suspensão do negativo.



Por conta disso, a essa altura pode-se questionar se Hobbes e Locke não estiveram muito perto de reconhecer e de admitir que o prazer não é um estado alternativo ao desprazer, mas apenas a ausência desse último, como sustentou Freud no *Projeto*. O fundador da Psicanálise seguiu recusando a possibilidade de fruição positiva da felicidade, como bem expressou em *O mal estar na civilização*, entre outras obras. Isso foi possível na medida em que prescindiu da

positividade do prazer, que, quando desprovido de conteúdo positivo, só pode ser pensado como ausência de desprazer.

Até aqui foram apresentados aspectos do pensamento de Hobbes, Locke e, em especial, de Condillac, particularmente de seu projeto de construção sensorial do espírito, bem como do deslocamento para a condição de primado do par prazer/desprazer, definitivamente alocados no topo da hierarquia das paixões. No próximo módulo, examinaremos algumas das teses de Freud sobre a noção de prazer, a partir de sua obra *Projeto de uma psicologia*.

Atividade proposta

Produzir um texto destacando a atualidade do pensamento de Condillac relativamente ao hedonismo, ao primado do prazer/desprazer que ele atribui à constituição da natureza humana.

Módulo 3

V No princípio do prazer: Freud

O QUE FOI APRESENTADO ATÉ AQUI PERMITE o reconhecimento de que no século XVIII, particularmente na França, os filósofos foram inimigos do dualismo cartesiano, renovando o pensamento por meio do monismo materialista, que demandou procedimentos próprios. Herdeiro do cartesianismo e imbuído de espírito semelhante, Freud, ao final do século XIX, igualmente manifestou no Projeto a intenção de refazer desde o início o que seria o roteiro de constituição, passo a passo, de uma psicologia científico-naturalista, articulando sistema nervoso com processos psíquicos. A proposta freudiana considerava os seres humanos como objetos naturais submetidos a causas e leis naturais. Nessa perspectiva é que ele enfrentou o desafio da articulação entre corpo e mente, apoiado na ciência natural e na teoria das paixões, ambas prevaletentes em sua época.

Começemos por lembrar que o objetivo assumido por Freud logo na abertura do Projeto foi o de *“apresentar processos psíquicos como*

estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas” (1995, p. 9).



Freud admitiu uma relação inicial entre:

- Quantidade (cargas ou impulsos) em fluxo;
- E neurônios (sistema nervoso) como partículas materiais.

Partindo dessa premissa, levou adiante, como herdeiro epistemológico e metodológico de Condillac, uma descrição genética dos processos psíquicos.



Tal projeto foi, assim, concebido também com base no pressuposto moderno de uma lei geral do movimento, lei da inércia, que diferencia atividade de repouso, o que demandou de início um enfoque de natureza quantitativa (ciência natural), recebendo uma

abordagem complementar qualitativa (teoria das paixões), que acompanhou suas considerações acerca, por exemplo, do fenômeno da consciência⁶.

Assim, postulando o princípio de inércia nervosa, Freud reconheceu que “o neurônio aspira a libertar-se de Q⁷. Cabe compreender-se a partir dele arquitetura e desenvolvimento, assim como desempenhos” (1995, p. 10). Esse foi o postulado que permitiu investigar em seus desdobramentos uma espécie de gênese das faculdades⁸ mentais, bem como apontar para a peculiaridade da noção de prazer nela implicada.

Pode-se começar pela consideração de que o ser humano é dotado de um sistema nervoso cuja arquitetura seria organizada em torno da função de manter a variação de estímulos recebidos igual ou próxima de zero. De início, espera-se sucesso nessa função, por exemplo, quando a porção sensorial impactada por estímulos externos

6) Para enriquecer essa questão, é prudente esclarecer que o *Projeto* foi a obra em que Freud deixou explicitamente, talvez pela primeira vez, de identificar o psiquismo ou o mental com o consciente. Nessa obra reconhece que tem “tratado os processos psíquicos como algo que poderia prescindir do conhecimento dado pela consciência, que existe independente de uma tal consciência” (p. 22). No bojo dessa perspectiva, postulou de início uma anterioridade lógica, cronológica e tópica, da memória em relação à consciência. Assim, nessa obra ele enfrentou um dos problemas mais fundamentais de sua metapsicologia, a saber, descrever as relações entre percepção, memória e consciência, enfrentando-o sob a perspectiva de que os processos representacionais constitutivos da memória seriam, além de anteriores, independentes da consciência. Sobre as posteriores e diferentes articulações dessas funções, ver artigo A relação entre a memória, a percepção e a consciência na metapsicologia freudiana de Fátima Caropreso na Revista Digital AdVerbum, n. 1, v. 1, 2006.

7) Símbolo que no *Projeto* representa carga elétrica.

8) É verdade que o termo “faculdade”, em relação a Freud, pode dar margem a mal entendidos, uma vez que ele não recorreu à noção moderna de faculdade, de certa forma ainda ligada tanto ao dualismo cartesiano, quanto ao empirismo de Hobbes e Locke. De fato, recorreu ao termo função, certamente mais adequado e coerente do ponto de vista do pensamento materialista de Condillac. Dessa forma, concebeu, por exemplo, uma função motora, uma função sensorial e não uma faculdade específica responsável pelos movimentos, pela sensibilidade, entre outras.

executa providências que prontamente os anulam, escoando-os (inicialmente pela atividade motora).

É importante registrar que, de início, o sistema nervoso consistia apenas do conjunto de neurônios que Freud nomeou phi, permitindo um percurso para a excitação que vai da extremidade perceptiva à extremidade motora do sistema. Contudo, a diversidade de fontes de excitação acabou sendo a responsável pela constituição plena do que ele chamou nessa obra de aparelho neurológico, bem como de suas funções, como percepção, memória e consciência.

Freud apresentou, assim, a hipótese inicial de uma arquitetura neuronal concebida a partir de um sistema nervoso primário que exerce funções sensoriais e motoras por meio do movimento arco-reflexo. Nesse sistema, princípio de inércia e movimento reflexo atuam numa combinação necessária e suficiente, visando exercer a função primária dele — manter-se livre de estímulos. De fato, até esse ponto a teorização freudiana faz referência exclusivamente aos estímulos externos.

Contudo, a quebra da expectativa de escoamento foi operada a partir do interior do organismo. Diz Freud, “o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento corporal, estímulos endógenos, que devem ser igualmente eliminados” (1995, p.10). São eles originários das células corporais, da ordem da fome, respiração e sexualidade, operando de uma maneira que não permite esquiva ou eliminação pela ação reflexo-motora.

Dessa forma, o dar conta deles não passará pelo simples escoamento, pois estão relacionados às necessidades da vida, à sua conservação ou manutenção. Por isso o sistema nervoso passa, além de admitir, a promover o armazenamento de parte desse estímulo, e

assim administrá-lo de modo a ser utilizado para provocar alterações que atendam às suas demandas; para isso, precisará de funções auxiliares.

Com isso, seguindo a lógica da descrição de sua gênese, o ainda incipiente aparelho neurológico encontra uma maneira de utilizar favoravelmente os estímulos, de início hostis ao seu interesse primário. Isto só será efetivamente conquistado por meio de funções suficientes e eficazes, engendradas à medida que tais estímulos vão provocando transformações ao longo do percurso trilhado no interior do sistema nervoso.

Portanto, deve-se aos estímulos endógenos a instauração de um segundo princípio, o de constância⁹, que, promovendo adicionalmente a aquiescência dos estímulos, representa uma concessão à inércia solicitada pelas exigências da vida. A partir daí, a atuação do princípio do prazer passa a ser menos o escoamento total da excitação do que a eliminação do excesso, atendendo à exigência de impedir que qualquer *plus* de estímulo danifique o sistema enquanto conserva uma pequena porção dele, mantendo seu nível constante.

⁹ Por conta da introdução desse novo princípio regulador, não se pode esquivar-se de um questionamento, a saber, se o princípio de constância, que impõe ao aparelho a tolerância e a conservação de uma cota mínima de energia, seria ele mesmo um agente provocador de desprazer, já que, enquanto preserva uma tensão, ainda que limitada, impede, ou pelo menos adia, a meta do escoamento total. Talvez se possam fornecer indicações sobre essa questão recordando que o princípio do prazer também opera segundo a função de manter a excitação o mais baixa possível. Assim, tomado na primeira função, está a serviço do repouso, da morte, do prazer como redução da tensão a zero. Tomado na segunda função, admite uma certa tensão, por meio do processo secundário, que inibe o livre e irrestrito fluxo de energia próprio do processo primário, impedindo a produção de mais desprazer. Nesse sentido, a constância admitida, de fato não evita totalmente a produção de desprazer, mas uma vez que admite uma tensão (limitada), evita mais tensão (ilimitada), potencial produtora de maior desprazer.



Ao lado da função primária, tem início uma função secundária justamente para atender às tais necessidades da vida. Essa função implica, além da manutenção de um nível adequado de excitação, um constante recarregamento do sistema.



A esta altura fazem-se necessários alguns esclarecimentos sobre os circuitos neuronais percorridos pelos estímulos, particularmente os endógenos. Nesse sentido, considere-se que o sistema nervoso é composto, de acordo com Freud, de neurônios distintos, interligados, nos quais, *“estão prefiguradas certas direções de condução, na medida em que recebem através de prolongamentos celulares e emitem por meio de cilindros do eixo. Além disso, existe ainda uma numerosa ramificação com diferença de calibre”* (1995, p. 11/12).

É justamente a possibilidade desse trânsito, isto é, essa circulação, que permite considerar a noção de que um neurônio pode estar ocupado num momento e desocupado em seguida. Dessa forma, o que dá constituição e complexidade à arquitetura do sistema nervoso é, em primeiro lugar, a conjugação entre a necessidade de eliminação e a de acúmulo de estímulos; e em segundo lugar, as resistências que dificultam, ao mesmo tempo em que regulam, a eliminação, isto é, as chamadas barreiras de contato.

A consideração relativa ao escoamento e conservação da tensão, além das tais barreiras de contato entre neurônios, remete diretamente a uma característica de pelo menos uma parte do tecido nervoso, a saber, *“a capacidade de ser alterado permanentemente por*

processos únicos” (1995, p. 12), ou melhor, de conservar a alteração sofrida após a excitação. Em atendimento à exigência de definição dessa característica, Freud admitiu a existência de duas classes de neurônios: a composta de células perceptivas e a de células recordativas. Tais classes correspondem a dois tipos de processos resultantes ou relacionados à quantidade de estímulos a que os neurônios estão submetidos, bem como aos circuitos de descarga que escoam.

As observações feitas por Gabbi Jr. nos auxiliam na compreensão desses processos. Diz ele:

““

Quanto mais se anda na direção do interesse do aparelho, menor a quantidade, portanto menor a diferença entre repouso e movimento. O neurônio phi está sujeito a uma magnitude tal que não retém nada [...] obedece integralmente o princípio de inércia. Psi, por sua vez, é atravessado por uma quantidade de magnitude próxima à de sua barreira de contato. Logo, ele conserva uma certa quantidade de movimento e, por conseguinte, obedece ao novo princípio, introduzido pela necessidade. Na vida, dominado pelo princípio de constância. (1995, p. 117)

Com efeito, o autor destaca a diferença funcional entre os neurônios, ou classes deles, a qual permite, inclusive, que estes desempenhem as funções perceptiva e recordativa. Tal diferença não seria de outra natureza que aquela relativa à quantidade de estimulação que os neurônios sofrem, em função do que, diz Freud, as tais “barreiras de contato fazem valer-se” (1995, p. 13). É curioso que a noção de barreira de contato entre neurônios ganha importância sempre que relacionada com a intensidade e quantidade de estímulo que tem de

controlar, seja para permitir o escoamento pelas células perceptivas, seja para promover a conservação pelas células recordativas.



Ousemos reconhecer que, com essa concepção, Freud ofereceu suporte material para as intuições de Condillac.



Assim, apenas essa possibilidade de alteração duradoura de seu estado após cada excitação permitiria a possibilidade do tecido nervoso apresentar, por exemplo, um tipo de registro ou memória. É que Freud admitiu a emergência de dois sistemas de neurônios, o phi e o psi, responsáveis pela percepção e pela memória, respectivamente. Reiteramos que isso decorre em função da intensidade das Qs a que são submetidos, à maneira de um percurso sequencial de “sensações transformadas” (como apontamos acima, uma formulação equivalente à de Condillac), que causam efeitos diferenciados em cada momento e estágio de seu percurso no tecido neuronal.

De fato, devemos reconhecer que o recurso ao ponto de vista quantitativo se esgota aqui, e como Hobbes, Locke e Condillac, Freud também teve de responder à questão qualitativa acerca da constituição das funções mentais ou psíquicas, das motivações das nossas ações, dos motivos para preferir ou ordenar uma cadeia de idéias ou ação a outra, para passar da indiferença à atenção, do repouso ao movimento etc.. Lembremos que, sem o fator qualitativo, como alertou Locke, “permitiríamos que nossos pensamentos se movimentassem desgovernados sem nenhuma direção ou desígnio...” (1978, p. 173).

Dessa forma, a simples descrição quantitativa¹⁰, a despeito de sua importância, não nos forneceria nem justificaria uma motivação ou desígnio no interior do aparelho neurológico (que é concomitantemente psíquico), uma vez que a ênfase posta nas características dos neurônios, nos diferentes sistemas e em suas funções, apenas destacou as quantidades com que ele tem de lidar.

Até mesmo o argumento de que um neurônio apresenta vários caminhos de ligação com outros neurônios e que o escoamento, mesmo o parcial, deve ocorrer por um destes, não anuncia ainda uma preferência, pois supõe inicialmente que esse “motivo” seja sustentado por uma facilitação das barreiras de contato, isto é, nesse caso a estimulação percorreria preferencialmente o caminho em que o grau de facilitação fosse maior. Nesse sentido, diz Gabbi Jr., o “*motivo, um termo habitual do vocabulário intencional, pode ser usado, numa linguagem quantitativa, como indicando aquilo que resulta da comparação entre uma certa quantidade e todas as outras simultaneamente presentes*” (1995, p. 120).

10) Lembre-se que também Condillac seguiu essa estratégia argumentativa, antecipando os argumentos quantitativos em relação aos qualitativos.

Atividade proposta

Produzir um texto destacando e comentando, relativamente à obra apresentada, a filiação de Freud ao estatuto das ciências naturais, bem como a articulação entre enfoque quantitativo e qualitativo que o aparelho neurológico demanda.

VI Qualidades psíquicas

CERTAMENTE PARA DAR CONTA DESSA DEMANDA TEÓRICA, Freud introduziu no Projeto um tópico dedicado à dor e dele retirou consequências. Curioso é que introduziu esse diferencial como um fenômeno ao qual estaria relacionado um tipo de acometimento inconveniente e falho no funcionamento do sistema nervoso, uma vez que consistiria em sua invasão por grandes quantidades de excitação que não foram evitadas desde os órgãos sensoriais.

No entanto, a partir dessa tese foi possível pensar o desprazer, e mesmo a dor¹¹, como fatores que põem tanto ϕ como ψ em movimento, posto que estimulam o sistema ao cumprimento de sua inclinação primária. Mas é preciso distingui-las, já que a dor é “*caracterizada como irrupção de Qs enormes em ϕ e ψ , ou seja, de Qs de uma grandeza ainda maior do que os estímulos ϕ* ” (Freud, 1995, p. 21). É igualmente verdade que sua presença constante nos caminhos de eliminação cria facilidades e superações da resistência das barreiras de contato, impondo e estimulando um tipo de atividade que visa

11) A princípio tende-se a sustentar que tanto o desprazer como a dor põem ϕ e ψ em movimento, contanto que fique claro que a dor seja um evento esporádico. Nesse caso, o que realmente põe todo o aparelho em movimento é, como compreendido por Freud nessa época, o desprazer enquanto sensação resultante de toda e qualquer forma de excitação. Assim, a vivência de satisfação, que é pensada como o protótipo do funcionamento normal do aparelho, é impulsionada pelo desconforto gerado por qualquer aumento no nível da excitação. Portanto, desprazer é um conceito mais amplo que o de dor. Nesse caso, toda dor é desprazer, mas nem todo desprazer é dor.

promover a supressão do desconforto provocado. A dor resulta, assim, de um aumento quantitativo excessivo.



Na medida em que toda excitação sensorial é produtora de desprazer¹², ela tende para a dor proporcionalmente ao aumento da quantidade de estímulo.



Além de tratar da dor, Freud avançou, tratando em tópico também específico do problema da qualidade, que, inclusive, envolveu um segundo fator, o da consciência. De toda forma, o tema da consciência permanece espinhoso ao enfoque científico-naturalista, que opera quantidades e neurônios. O problema todo se resume na necessidade de, reconhece Freud, “*incorporar o conteúdo da consciência*

12) Atenemos para o fato de que essa noção de que todo aumento de excitação é sentido como desprazer, assim como toda diminuição é sentida como prazer, encontrou resistências em fenômenos clínicos observados e descritos desde 1905, em *Três ensaios*, como o prazer sentido por ocasião da excitação sexual. Além desse, igualmente o fenômeno do masoquismo, também apresentado em 1924 em *O problema econômico do masoquismo*, resiste à equação geral do prazer/desprazer, colocando em questão o próprio primado da atuação do princípio do prazer. Essa circunstância aponta para o próprio limite da descrição quantitativa, pois demanda a suposição de um fator qualitativo aderente tanto ao processo de acúmulo como de eliminação de estímulos, que não seriam em si mesmos prazerosos ou desprazerosos. Estamos assim diante de uma situação que denuncia o aspecto no mínimo nuançado da compreensão da relação quantidade/qualidade na elaboração de Freud.

em nossos processos Psi quantitativos. A consciência dá-nos o que se chama qualidades, sensações...” (1995, p. 22). Posto isso, ele não poderia deixar de se perguntar pela sua origem e tentar responder com toda cautela que não estaria no mundo exterior, evidentemente pela sua filiação ao mecanicismo.

Para dar conta disso, postulou a existência de um terceiro conjunto de neurônios, a que chamou Ômega, ressaltando o fato de que seus “estados de excitação dariam como resultado as diferentes qualidades, ou seja, seriam as sensações conscientes” (1995, p. 23). Uma postulação dessa natureza foi possível a partir do reconhecimento de que, ainda que uma ciência natural privilegie quantidades, cabe, no entanto e adicionalmente, “esperar da arquitetura do sistema nervoso que ele consista de dispositivos para transformar as quantidades externas em qualidades” (1995, p. 23).

Registremos desde já que a própria “tradução” das quantidades em qualidades que é operada por esse terceiro sistema permite mais uma vez oportunizar a função primária do sistema, que é a de, por mais essa via, escoar os estímulos, as quantidades excessivas (portanto, o desprazer), conferindo-lhes qualidades, tornando-os conscientes, instaurando o processo secundário. Sempre operando sobre estímulos que romperam e alcançaram o terceiro sistema sem serem barrados.

Percebe-se o quanto essa operação é fundamental para a sobrevivência do organismo, já que, além de contribuir à sua maneira para o escoamento, uma maneira específica de atuação do princípio do prazer (por sua transformação em princípio de constância), evita a indiferença, pois os estímulos tornados qualitativamente

conscientes no terceiro sistema geram motivos para determinados pensamentos e ações.

Ainda sustentando uma perspectiva fisicalista para o problema da consciência, além de abordar a intensidade, Freud remete a uma característica temporal dos estímulos, sua periodicidade. Com isso pôde sustentar que o fundamento da consciência estaria relacionado a ela, isto é, que o sistema Ômega seria afetado segundo períodos de excitação, dando subsídios para a qualificação operada pela consciência, que assim apresenta como um de seus conteúdos a série de sensações de prazer e de desprazer.

Contudo, como visto, permanece a dificuldade de incluir o fenômeno da consciência na arquitetura de um sistema até então quantitativo, isto é, de mostrar como processos excitatórios nos neurônios Ômega trazem consigo consciência em relação aos seus conteúdos. Dessa forma, prazer e desprazer estariam sempre referidos à ocupação do sistema, às sensações dessa ocupação (segundo intensidade e intermitência), o que permitiu a Freud conservar, pelo menos nessa época, o discurso relativo à consciência e aos seus conteúdos, o mais próximo possível do discurso fisicalista.



Nesse contexto, podemos agora reconhecer, Freud recuou à condição mais primitiva o papel do desprazer no psiquismo como agente motivador.



Assim, em mais esse ponto, não podemos evitar sua filiação a Condillac quanto à função primária do desprazer. No entanto, a

perspectiva sustentada por Freud nessa época, de que toda estimulação provoca desprazer e por isso suscita sua descarga ou extinção, apresenta um inequívoco diferencial em relação à de Condillac. E nisso reside sua contribuição original relativamente ao enfoque das paixões na constituição mental. Enquanto Condillac definiu como

certo que as estimulações sensoriais seriam em si mesmas agradáveis ou desagradáveis, Freud atribuiu à estimulação sensorial o ser em si mesma desprazerosa, isso relativamente a um sistema nervoso que “deseja” o repouso.

Conclusão

Operando segundo o método genético-dedutivo de Condillac, Freud empreendeu sua investigação relativa à gênese sensorial do psiquismo e em acréscimo, ao operacionalizar a noção de prazer que lhe subjaz, refundou-a retirando-lhe todo e qualquer conteúdo positivo, conduzindo às últimas consequências a concepção negativa do prazer¹³ vagarosamente tecida na modernidade ocidental. Assim, podemos dizer que ele construiu suas teorias, no que diz respeito aos recortes e aspectos acima destacados, expandindo os limites do campo teórico sustentado pelo empirismo inglês e pelo materialismo francês, particularmente de Condillac. Expressou assim suas influências no que diz respeito à construção sensorial da mente e de suas funções, e em especial fez avançar o papel e a importância do desprazer nessa construção, o que acentuou a reformulação de seu estatuto, pelo menos até o Projeto.

Por fim, devemos esclarecer que a concepção freudiana de prazer na perspectiva aqui apresentada não recebeu ao longo de sua instrumentalização futura uma simples continuidade sem problematização. Isso porque, para ficarmos em dois exemplos, em *Além do princípio do prazer*, de 1920, e mais tarde em *O problema econômico do masoquismo*, de 1924, é verdade que sem contrariar a noção de que o prazer estaria relacionado à descarga da excitação, inclusive sem esquecer que é possível relacionar o princípio de nirvana (apresentado em 1920) como herdeiro direto do princípio de inércia, admitiu a possibilidade de sua

13) Para efeito de apoio à tese aqui sustentada acerca da construção moderna de um prazer negativo, recorramos a Hobbes quando, na obra *Os elementos da lei natural e política*, declara que “Como o apetite é o início do movimento animal em direção a algo que nos agrada, da mesma maneira a conquista disso é o fim desse movimento, do qual também chamamos escopo, objetivo e causa final. E quando atingimos aquele fim, o deleite que retiramos daí recebe o nome de fruição” (p. 49). Assim, guardadas as devidas proporções, Hobbes antecipa as próprias noções de escoamento dos estímulos sensoriais causadores de sensações, de morte do desejo como resultado do escoamento, portanto de repouso e, por fim, da própria negatividade do prazer, fato que, com cautela, permite apontar para uma linha de continuidade na formulação do conceito de prazer negativo entre ele e Freud, evidentemente intermediados por Condillac.

ocorrência positiva, inclusive quando decorrente de aumento da quantidade de excitação (pelo menos da sexual) e do próprio prazer na dor. Mas isso já é tema para outro curso.

Atividade proposta

Produzir um texto reconstituindo e traçando uma linha de continuidade, quanto ao tema das paixões, entre o empirismo inglês, o materialismo francês e a concepção da psicanálise por Freud.

Avaliação final

Chegamos ao final do nosso curso. Propomos como atividade integradora dos conhecimentos que pudemos elaborar durante o nosso convívio a elaboração de um comentário abrangendo, de forma sintética, o conjunto dos temas apresentados nas diversas unidades.

Para dar sustentação ao seu trabalho, recorra à leitura das obras indicadas na bibliografia básica. A extensão do texto deve girar em torno de sete páginas, digitadas em espaço 1,5, fonte Arial ou Times New Roman.

Bom trabalho!

Bibliografia

Bibliografia básica

CONDILLAC, E. B. 1993: Tratado das sensações. Campinas, Ed. Unicamp.

FREUD, S. 1995/1885: Projeto de uma psicologia. Trad. Osmyr F. G. Jr. R. J.: Imago.

HOBBS, T. 1979: Leviathan. S. P., Abril Cultural.

Bibliografia complementar

CAROPRESO, F. 2006: A Relação entre a Memória, a Percepção e a Consciência na Metapsicologia Freudiana. In: Revista Digital AdVerbum, n. 1.

CONDILLAC, E. B. 1979: Textos escolhidos. S.P., Abril Cultural.

DIDEROT, D. 1979: Textos escolhidos. S.P., Abril Cultural.

_____. 2006: Verbetes políticos da Enciclopédia. S.P., Edunesp.

DOBRÁNSZKY, E. A . 1992: No tear de palas: imaginação e gênio no século XVIII. Campinas: Ed. Unicamp.

FREUD, S. 1969/1893: Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. R.J.: Imago, v. I

_____. 1969/1905: Três ensaios sobre a sexualidade. R.J.: Imago, v. VII

_____. 1969/1911: Formulações sobre os dois princípios. R.J.: Imago, v. XII

_____. 1969/1914: A história do movimento psicanalítico. R.J.: Imago, v. XIV

_____. 1969/1915: Artigos sobre metapsicologia. R.J.: Imago, v. XIV

_____. 1969/1920: Além do princípio do prazer. R.J.: Imago, v. XVIII

_____. 1969/1924: O problema econômico do masoquismo. R.J.: Imago, v. XIX

_____. 1969/1929: O mal-estar na civilização. R.J.: Imago, v. XXI

_____. 1969/1938: Esboço de psicanálise. R.J.: Imago, v. XXIII

HOBBS, T. 2006: Do cidadão. S. P., Martins Claret.

_____. 2002: Os elementos da lei natural e política. S. P.: Ícone Ed..

LOCKE, J. 1978: Ensaio acerca do entendimento humano. S. P.: Abril Cultural.

METTRIE, J. O. 1982: O homem máquina. Lisboa, Estampa.

MONZANI, L. R. 1995: Desejo e prazer na idade moderna. Campinas: Ed. Unicamp.

_____. 1995: Desejo, prazer e felicidade na idade moderna. In: As pulsões. S.P.: EDUC.

SOLMS, M. e SALING, M.1990: A moment of transition. Two neuroscientific articles by Sigmund Freud. London: Karnac Books.

SOUZA, M. G. 2002 : Natureza e Ilustração, sobre o materialismo de Diderot. S.P.: Ed. Unesp.

Autor

Francisco Verardi Bocca

Graduado em Arquitetura e Filosofia, com mestrado em Lógica e Filosofia da Ciência, doutorado em Filosofia da Psicanálise e pós-doutorado em Filosofia. Atualmente é professor titular do Programa de Mestrado em Filosofia da PUC-PR, atuando na linha de pesquisa em filosofia da psicanálise da qual é coordenador.